

Quando a indignação entra em cena

Solo de Analu Prestes leva aos palcos o conto 'Senhor Diretor, da imortal Lygia Fagundes Telles

Vencedora do Prêmio Camões, honraria máxima da literatura em língua portuguesa, e primeira mulher brasileira a ser indicada ao prêmio Nobel de Literatura, Lygia Fagundes Telles (1918-2022) teve algumas de suas obras adaptadas para cinema, televisão e, curiosamente, poucas para o teatro – entre elas o multipremiado romance “As Meninas” (1973). O público carioca pode conferir no Espaço Abu, em Copacabana, a encenação de outro trabalho da autora, o conto “Senhor Diretor” – extraído do livro “Seminário dos Ratos”, de 1977.

Protagonizada por Analu Prestes, a adaptação é realizada pela diretora Silvia Monte, que desde março está à frente, no mesmo espaço, do ciclo mensal Leituras em Cena. O programa com leituras dramatizadas de textos literários ganhou em agosto uma edição especial dedicada à obra de Lygia, que, assim como o espetáculo, segue até novembro.

“Ao reler os contos de Lygia para a progra-



Alexia Maltner/Divulgação

Analú Prestes no monólogo 'Senhor Diretor', adaptação teatral de conto de Lygia Fagundes Telles

mação de Leituras em Cena, me deparei com Senhor Diretor e pensei imediatamente na Analu Prestes para viver a heroína da história. E foi exatamente o desejo de possibilitar o encontro de duas grandes artistas brasileiras amantes da palavra – Lygia e Analu – que me fez querer encenar esta obra”, argumenta Silvia, que convidou a atriz para a leitura deste conto, em maio, e o arrebatamento da plateia

foi o incentivo final para a montagem do espetáculo.

“Ao ler esse conto, fiquei completamente fascinada. E uma das coisas que me encantou nesse projeto foi trazer a literatura para a cena. Primeiro porque as pessoas vão entrar em contato com uma grande autora e ficar com curiosidade de pesquisar mais sobre a obra dela. E ao levar uma obra literária à

cena, você estimula o público, mesmo quem não tem muito o hábito de ler, a mergulhar na literatura, o que é maravilhoso”, comenta Analu que, além de atriz, é cenógrafa, figurinista e artista plástica e iniciou sua trajetória profissional com os irmãos Zé Celso e Luís Antônio Martinez Corrêa, ambos criadores do Teatro Oficina, de São Paulo.

No cenário minimalista composto apenas por uma cadeira e assinado por Analu Prestes (assim como o figurino), a professora aposentada Maria Emília passeia pelas ruas de São Paulo no dia de seu aniversário de 62 anos e se choca ao avistar a capa de uma revista na banca de jornal com um casal seminu enlaçado, estopim para sua indignação com o caos em que vê a sociedade mergulhada. Decide, então, escrever uma carta ao diretor do Jornal da Tarde para expor sua revolta e, à medida em que mentalmente elabora a carta, tem seu pensamento disperso entre recordações e impressões sobre os acontecimentos à sua volta.

“Senhor Diretor’ tem um elemento que me encanta, é a forma bem-humorada e leve que Lygia aborda temas profundos como solidão, juventude e envelhecimento, vida e morte. Uma mulher que, aos 62 anos, em 1977, no dia do seu aniversário, pensa sobre a sua vida casta e fiel a tudo que lhe ensinaram como a vontade de Deus. Mas, seria mesmo?”, provoca Silvia.

No intimista Espaço Abu, de apenas 40 lugares, a proximidade da plateia com a cena é um dos trunfos da montagem, segundo a diretora: “Assim como nas leituras, será possível criar uma maior cumplicidade e reforçar o clima de testemunho da personagem com os espectadores, todos transformados no Senhor Diretor”. Também a iluminação de José Henrique Moreira e a trilha incidental assinada por Yahn Wagner pontuam a história reforçando momentos importantes da trama.



Divulgação

Lygia Fagundes Telles teve sua obra traduzida em 11 países

Autora teve obras adaptadas para teatro, cinema e TV

Escritora, romancista, contista e cronista, Lygia Fagundes Telles (1918-2022) publicou seu primeiro livro de contos “Porão e Sobrado” (1938) aos 20 anos. Com o romance “Ciranda de Pedra” (1954), a autora inicia a maturidade da sua carreira.

Na década, casada com o historiador e crítico de cinema Paulo Emílio Salles Gomes

(1916-1977), começou a escrever roteiros para cinema. Sua relação o audiovisual a leva a assumir a presidência da Cinemateca Brasileira após a morte do companheiro.

Lygia conhece o auge nos anos 1970, obtendo reconhecimento da crítica e conquistando uma legião de leitores. Neste período lançou alguns de seus títulos de maior suces-

so: “Antes do Baile Verde” (1970), “As Meninas” (1973) e “Seminário dos Ratos” (1977). Sua obra – 18 livros de contos e quatro romances – foi traduzida para 11 países, entre eles França, Estados Unidos, Alemanha, Itália, Holanda, Suécia, e Espanha. Também foi adaptada para TV, teatro e cinema.

A autora recebeu os maiores prêmios nacionais de literatura, foi indicada ao Nobel e a consagração definitiva viria com o Prêmio Camões (2005), distinção maior em língua portuguesa pelo conjunto da obra. Lygia foi eleita em 1985 para a Academia Brasileira de Letras (ABL), ocupando a cadeira 16 na vaga deixada por Pedro Calmon.